

BAGAGEM, MARCAS AUTOBIOGRÁFICAS EM ADÉLIA PRADO

Luciano Dias de Sousa¹
poesiaeci@bol.com.br

RESUMO: O presente artigo investiga a possibilidade de um diálogo entre as ideias levantadas por Philippe Lejeune sobre pacto autobiográfico e a poesia de Adélia Prado. Discutir sobre a existência de um “eu” de autoria feminina e as características religiosas em três poemas (Grande desejo, Um salmo e Para o Zé) da obra Bagagem de 1976. A autora é hoje uma das vozes fortes da literatura brasileira, o estudo de sua obra possibilitará um questionamento sobre a escrita autobiográfica.

Palavras-chave: pacto autobiográfico, poesia, escrita feminina e religião.

Abstract: This paper investigates the possibility of a dialogue between the ideas raised by Philippe Lejeune on poetry and autobiographical pact Adélia Prado. Discuss the existence of an "I" of female authorship and features three religious poems (Great desire, A Psalm and For Zé) of the work Luggage 1976. The author is now one of the strongest voices in Brazilian literature, the study of his work will allow a question on the autobiographical writing.

Keywords: *autobiographical pact, poetry, religion and women's writing.*

1. Adélia Prado

A realização deste estudo pretende lançar um olhar sobre a poesia de Adélia Prado, verificando como a autora cria imagens em sua escrita fazendo uma literatura que resgata a escrita feminina em sua plenitude.

O que corpora nossos questionamentos é o fato da literatura íntima, os gêneros confessionais como memórias, diários, autobiografia, foram por muito tempo considerado como uma literatura menor e na contemporaneidade essa mesma literatura vem ganhando espaço no gosto dos leitores. Diante de um considerável sucesso das escritas autobiográficas surgem debates e pesquisas voltadas para a revisão da forma

¹ Graduado em Letras pela UEMG, Especialista em Português e Literatura pela FIJ.
E-mail:poesiaeci@bol.com.br

pela qual o passado e a vida de alguém vão ser transmitidos, a ideia de rastrear a intimidade com rigor.

Paula Sibilia, professora do programa de pós-graduação em comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, em sua obra o “O show do eu, a intimidade como espetáculo” (2008:34), afirma que é notável a atual expansão das narrativas biográficas; não apenas na internet, mas nos mais diversos meios e suportes. Uma intensa “fome de realidade” tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais. Os relatos desses tipos recebem grande atenção do público: a não-ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pela história.

Será possível perceber a identidade e sua história através de uma obra que não seja intitulada como biográfica ou autobiográfica? A poesia pode ser percebida como fonte autobiográfica?

O conceito de espaço autobiográfico discutido por Philippe Lejeune em sua obra “O pacto autobiográfico” (2008), é o fio condutor fundamental deste trabalho. Philippe Lejeune é um dos grandes nomes da pesquisa autobiográfica. Na obra citada, o autor pesquisador, utilizando a posição de leitor de gêneros de literatura íntima, discutiu o funcionamento do texto autobiográfico. Para o pesquisador Lejeune, a definição de autobiografia seria narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (p. 14).

Elegemos como corpus de análise três poemas (Grande desejo, Um salmo e Para o Zé) da obra Bagagem de Adélia Prado. A autora é hoje uma das vozes fortes da poesia brasileira, dona de uma literatura em que se mistura erotismo, religiosidade e simplicidade do cotidiano.

A escolha pela obra “Bagagem”, deve-se ao fato de ser o livro de estréia da autora, publicado em 1976. O próprio título “Bagagem,” já faz referência à experiência pessoal, experiência de vida, buscando um termo menos filosófico para o significado da palavra, objeto usado para carregar coisas pessoais. A obra é um convite ao leitor para a intimidade da autora.

Ao afirmar o caráter autobiográfico de uma obra literária pensamos numa abrangente perspectiva teórica. O cruzamento da ficção com a realidade propriamente dita, o estabelecimento de um processo autobiográfico é muitas vezes conturbado e

complexo em termos de análise. A autobiografia deixa a etiqueta de meros depoimentos de cunho historiográfico para entrar no cânone literário.

Adélia Luzia Prado Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935, filha do ferroviário João do Prado Filho e de Ana Clotilde Corrêa. Morando numa cidade calma do interior, inicia seus estudos.

No ano de 1950 falece sua mãe. Tal acontecimento faz com que a autora escreva seus primeiros versos. Em 1958 casa-se, em Divinópolis, com José Assunção de Freitas, funcionário do Banco do Brasil S.A. Dessa união nasceriam cinco filhos: Eugênio (em 1959), Rubem (1961), Sarah (1962), Jordano (1963) e Ana Beatriz (1966).

O livro “Bagagem” é lançado no Rio, em 1976, com a presença de Antônio Houaiss, Raquel Jardim, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Juscelino Kubitschek, Affonso Romano de Sant'Anna, Nélida Piñon e Alphonsus de Guimaraens Filho, entre outros.

Na obra de Adélia Prado, “Bagagem,” os poemas são distribuídos em quatro grandes seções além da seção intitulada “alfândega”. Essas seções se configuram entre as coordenadas da “poesia”, do “amor” e da “memória.” O cotidiano é descrito como espaço próprio das vivências do “eu” feminino.

2. Autobiografia

Vivemos num mundo que as informações chegam até nós de forma rápida. Mudamos a forma de ver o mundo e conseqüentemente a forma de construirmos a nossa identidade e relacionarmos com o outro. O conceito de identidade sofre mudanças enquanto aumenta a necessidade do indivíduo em busca de outros indivíduos que sirvam de modelos para seguir. Talvez essa seja uns dos motivos do sucesso da literatura autobiográfica ou programas e filmes que tornam público a intimidade de alguém.

A escritora argentina Leonor Arfuch, Doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires e autora de “O espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea” (2010, p.51), explica que a necessidade da autobiografia adquire uma relevância filosófica abrindo passagem para um novo gênero entre as tendências literárias da época; não só expressa o sentimento de assédio e de defesa diante da intrusão no íntimo pelo social.

Para Philippe Lejeune, pesquisador que já destacamos sua importância para as pesquisas autobiográficas, enfatiza a questão da imagem que o leitor tem do autor a partir do que ele escreve, criando uma imagem real e social do indivíduo.

Um autor não é a pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz (LEJEUNE, 2008, p.23).

A linguagem literária é capaz de conseguir manifestar aquilo que está no interior do sujeito. No processo de descoberta, de mapeamento do próprio “eu”, o passado pode ser repensado e armazenado de uma nova maneira. Dentro desse universo a literatura íntima ou a autobiografia pode ser vista como meio do qual o homem procura, através do ato de lembrança, algo que dê razão a própria existência, composta de passado e presente. O indivíduo, pela via da lembrança, relembra um fato, caracteriza um comportamento e constrói a imagem de si na tentativa de deixar a marca de sua existência.

A escrita autobiográfica está associada à questão da identidade real, de forma que nesta, a problemática se expande além da separação entre realidade e ficção, pois no seu processo construtivo, as fronteiras não ficam claramente delimitadas, o real e ficcional se misturam para o surgimento talvez de um novo indivíduo. Para Lejeune, o leitor tem a tendência em agir como um “cão de caça.”

É, na verdade, o desejo do leitor conhecer ou descobrir tudo sobre o escritor e seu processo de escrita, no caso da poesia, buscar respostas e significações concretas para as palavras inseridas no poema. Mas todo processo literário é uma fabricação, construção. O compromisso de dizer a verdade não faz sentido na literatura.

A autobiografia é uma invenção do “eu”, e o empenho e desejo pela sinceridade não equivale à possível verdade. Para o valor documental existem às biografias em que também a verdade pode ser questionada. Na realidade, as autobiografias podem ser compostas de mentiras e omissões. O sujeito é o inventor de si e traça um mapa de sua identidade e de seu passado de acordo com o que lhe convém.

O pacto para leitura de “Bagagem” começa a partir do título da obra que conduz o leitor ao estabelecimento das relações da identidade e história da autora. Adélia Prado

com sua poesia faz uma reflexão sobre o cotidiano de mulher do qual faz parte. Ao mesmo tempo em que narra poeticamente o passado.

O pacto então é feito quando a autora se vale de recursos ficcionais, entre eles o apelo ao imaginário para dar conta dos fatos que cercam a sua vida, sem com isso negar a realidade que lhe deu origem. Através de um diálogo permanente com sua história, de uma maneira muito particular constrói uma escrita poética diferente das dos homens capaz de levar o leitor em um mundo extremamente feminino, demarcando seu espaço como escritora mulher sem deixar de lado a simplicidade e delicadeza de ver situações do passado.

O eu-autor presente nos rastros autobiográficos deixados na poesia adeliana assume uma voz feminina que se auto-afirma em razão de sua história. Seu texto poético atua num espaço de subjetivação, que se faz perceber na concretude dos fatos simples de sua vida no interior de Minas Gerais, os valores da família, no sagrado e na experiência religiosa assumida pela autora.

A concepção ampla que Adélia tem da realidade do ser, como professora de Filosofia, não é causa de sua criação poética. Mas enriquece a sua poesia com a consistência da intimidade e a homogeneidade dinâmica do seu imaginário.

Adélia Prado, através de seus poemas, faz um mergulho em seu interior emocional, em todas as incertezas e transitoriedade da vida. A autora procura mostrar a condição de mulher que precisa se desdobrar em funções em nossa sociedade.

3. A poesia de Adélia Prado: subjetividade, religião e mulher

A autobiografia é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito que procura se revelar para o leitor. As narrativas de introspecção são compostas por diferentes gêneros literários, autobiografia, romance autobiográfico, diário e outros. Muitos autores utilizam-se dessas estruturas como estratégias literárias, Adélia Prado usa a poesia.

O texto poético é, muitas vezes, considerado como um gênero de difícil leitura e entendimento. Exige um leitor atento e minucioso. A poesia, além de ter uma função estética, com seus versos e ritmos, desempenha um papel de exposição do sentimento, além de social, divertimento e arte. A poesia é como uma revelação de nossa condição. Ao revelarmos nossa história, nossos pensamentos, criamos e alteramos fatos.

Adélia Prado realiza o percurso poético com o instrumento que lhe serve de expressão: a palavra, residindo nela uma constante tensão entre a condição de mulher e escritora. A linguagem poética da autora fundiu-se com a consciência que resgata fatos da vida do “eu” mulher de família religiosa nascida no interior.

Assim, o importante no livro “Bagagem” é o processo de formação da escritora, que se manifesta pelas referências às leituras realizadas, às pessoas com as quais conviveu e por meio das quais conquistou seu amadurecimento como escritora. A formação de uma identidade é construída a partir de uma personalidade poética sobre as vivências cotidianas, pelas influências externas, pelos fatos vivenciados, descrevendo os acontecimentos da vida diária e das cenas da infância.

Os primeiros poemas de Adélia Prado, publicados em “Bagagem”, procuram definir a imagem da poetisa. Sua poesia revela a divindade, o humano e o cotidiano na busca da verdade; seu espaço é casa, família, cidade. Em seu mundo predomina o feminino, a diferença entre homens e mulheres.

Em “Grande desejo”, ela declara-se uma mulher simples por meio da enumeração de atos corriqueiros, tais como fazer comida e bater o osso no prato pra chamar cachorro. Adélia diz que “quando dói” grita “ai”, pois não se trata de uma mulher revolucionária, que reprime sua dor em busca de determinado ideal, mas uma mulher simples e de força. Sendo assim, suas sensibilidades não têm dono. Ela se aceita tal como é, com seus momentos de dor e de irracionalidade. Observe, então, os versos de “Grande desejo”:

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.
Faço comida e como.
Aos domingos bato o osso no prato pra chamar o cachorro
e atiro os restos.
Quando dói, grito ai,
quando é bom, fico bruta,
as sensibilidades sem governo.
Mas tenho meus prantos,
claridades atrás do meu estômago humilde
e fortíssima voz pra cânticos de festa.
Quando escrever o livro com o meu nome
e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,
a uma lápide, a um descampado,
para chorar, chorar e chorar,
requintada e esquisita como uma dama.

(PRADO, 2006 p.10).

A escritora abre-se para o relato de sua experiência religiosa (católica) e a demarcação do feminino em seu espaço poético; o distanciamento de suas influências literárias masculinas como fator de autenticação de um “eu” poético feminino. Ao mesmo tempo em que transgredir e busca significado pessoal para sua tradição cristã a partir de uma poética religiosa, mas com traços eróticos. Observado em “Um salmo:”

Tudo que existe louvará.
Quem tocar vai louvar,/quem cantar vai louvar,
o que pegar a ponta de sua saia/e fizer uma pirueta, vai louvar.
Os meninos, os cachorros,/os gatos desesquivados,
os ressuscitados,
o que sob o céu mover e andar
vai seguir e louvar.
O abano de um rabo, um miado,
u’a mão levantada, louvarão.
Esperai a deflagração da alegria.
A nossa alma deseja,/o nosso corpo anseia
o movimento pleno:/cantar e dançar TE-DEUM.

(PRADO,2006, p. 32).

Deus e poesia são as duas razões da obra de Adélia. Escrever e rezar parecem realizações libertadoras para a autora. Adélia Prado jamais renunciou a seu envolvimento com a fé católica. A religião em Adélia não é vista apenas como um dado cultural presente e construído, mas como uma dimensão nascida da experiência e do processo de autocompreensão no “eu” do seu espaço poético autobiográfico.

Na poesia intitulada “Para o Zé,” percebemos uma emoção plena e o devaneio do amor da autora. Também é importante nesse poema a presença dos detalhes domésticos e as marcas do cotidiano pessoal. A descrição dos objetos da casa juntamente com as lembranças que invocam sentimentos. Esses versos refletem o gosto de Adélia Prado pelo papel feminino, por um prazer de resgatar o belo do que é ser mulher. Do que é ser oposta e amante de um homem.

Eu te amo, homem, hoje como
Toda vida quis e não sabia,
Eu que já amava de extremoso amor
O peixe, a mala velha, o papel de seda e os e os eixos
De bordado, onde tem
O desenho cômico de um peixe - os
Lábios carnudos como os de uma negra.
Divago, quando o que quero é só dizer
Te amo. Teço as curvas, as mistas
E as quebradas, industriosa como abelha,
Alegrinha como florinha amarela, desejando

As finuras, violoncelo, violino, menestrel
e fazendo o que sei, o ouvido no teu peito
para escutar o que bate. Eu te amo, homem, amo
o teu coração, o que é, a carne de que é feito,
amo sua matéria, fauna e flora,
seu poder de parecer, as aparas de tuas unhas
perdidos nos casos que habitamos, os fios
de tua barba. Esmero. Pego tua mão, me afasto, viajo
pra te saudar, me calo, falo em latim para requisitar meu gosto:
“Dize-me, ó amado da minha alma, onde apascentar
o teu gado, onde repousas ao meio-dia, para que eu não
ande vagueando atrás dos rebanhos de teus companheiros”.
Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama
Fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.
Te alinho junto das coisas que falam
Uma coisa só: Deus é amor. Você me espicaça como
o desenho do peixe da guarnição de cozinha, você me garante,
tira de mim o ar desnudo ma faz bonita
de olhar-me, me dá uma tarefa, me emprega,
me dá um filho, comida, enche minhas mãos.
Eu te amo, homem, exatamente como amo o que
Acontece quando escuto oboé. Meu coração vai desdobrando
Os panos, se alargando aquecido, dando
A volta ao mundo, estalando os dedos pra pessoa e bicho.
Amo até a barata, quando descubro que assim te amo,
O que não queria dizer amo também, o piolho. Assim,
Te amo de modo mais natural, vero-romântico,
Homem meu, particular homem universal.
Tudo que não é mulher está em ti, maravilha.
Como grande senhora vou te amar, os alvos linhos,
A luz na cabeceira, o abajur de prata;
Como criada ama, vou te amar, delicioso amor:
Com água tépida, toalha seca e sabonete cheiroso,
Me abaixo e lavo os teus pés, o dorso e a planta deles eu beijo.
(PRADO, 2006, p. 101 -102).

Nesse ritmo lúdico, da poesia que mistura lembrança e esquecimento, sinceridade, culpa e perdão, o “eu” tenta se constituir e encontra na escrita uma forma de salvação, de resistência, de perdão e amor. A escritora compartilha suas vivências, suas opiniões, seu processo de criação de uma verossimilhança fictícia com o leitor. Isso garante um depoimento não só embasado na realidade da formação do sujeito em seu mundo mais interior, mas também do mundo exterior, dos acontecimentos cotidianos.

O viver sem culpa, enquanto manifestação do ser concretiza a experiência com a tradição e inaugura um novo pensamento adeliiano. Somente a vivência livre de culpas que a autora tem liberdade para se fazer presente na arte literária. Nesse caminho, parece-nos clara a invocação libertária de pensamento da escritora mulher, mãe e professora.

Adélia deixa escapar um possível pacto autobiográfico presente em sua literatura ao atestar que esta afirmação não pertence somente à escritora, à mulher, mas também ao “eu” que se revela em muitos momentos de suas obras.

Adélia Prado, com sensibilidade, faz da linguagem um processo de contemplação destinada a poetizar cada detalhe de sua vida. Ela consegue resgatar os momentos vividos e assim o tempo se desdobra lentamente em palavras. A poesia se revela na construção de um olhar, de uma sensibilidade que pode constituir uma dimensão mais real enquanto a sensibilidade humana se desloca em marcas autobiográficas.

Os textos autobiográficos têm sido alvo de grande interesse pelos críticos, teóricos e principalmente consumidores desse tipo de literatura. O apelo a uma possível verdade incontestável sobre o passado dá a essas narrativas um caráter sedutor que leva o leitor ingênuo a pensar que o narrado é verdadeiro, e o crítico a repensar as bases teóricas entre a ficção e a realidade, dentre vários outros aspectos inclusos no gênero autobiográfico. A verdade é que mais do que um depoimento sobre história de vida, a literatura íntima, desde seu surgimento é sucesso entre os leitores, vem sendo alvo de complexos debates e estudos.

Considerações finais

A literatura tem por função a revelação das ações e dos sentimentos humanos através das formas simbólicas e alegóricas da linguagem. Afirma-se como meio privilegiado de exploração e conhecimento da realidade interior do “eu” profundo que as convenções, hábitos e exigências sociais mascaram continuamente. Através dos tempos, a literatura tem sido o mais fecundo instrumento de pesquisa, análise e de compreensão do homem e das suas relações com o outro e o mundo.

No que se refere ao universo confessional, Philippe Lejeune é pesquisador mais importante, tanto pela originalidade de suas ideias quanto pelas pesquisas voltadas para a escrita autobiográfica. Foi ele quem instituiu o conceito de pacto autobiográfico que serve de referência para muitos estudiosos sobre o assunto.

O espaço autobiográfico é uma construção do leitor, segundo Lejeune, ao forjar esse conceito, à autobiografia visa uma forma de leitura. Através desse espaço, certa imagem do autor é sustentada a partir de um conjunto de textos, mas como um espaço

imaginário cujas formas são vagas e indefinidas, um campo sempre aberto onde o leitor deve tentar desvendar.

Em toda ficção, há sempre uma invenção do “eu” veiculado a existência da personagem narradora à realidade. A resultante é a relação entre o passado vivido pela personagem-narradora e a escrita.

Adélia Prado faz da poesia o espaço privilegiado para vivenciar a si mesmo em todas as suas experiências de vida. Uma mulher que surgiu para a literatura feita através de uma escrita especializada, e pelo entusiasmo de alguns poetas do interior mineiro em resgatar o lirismo na poesia brasileira. Lirismo que aparece nas obras da autora por meio de tom de conversa íntima e confissão pessoal.

Referências:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilema da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BARTHES, Roland. “A morte do autor”. IN: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. **Religião, literatura e o eu: interfaces do feminino na estética de Adélia Prado**. Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistas-im/index.php/MA/article. Acesso em: 10 de outubro de 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Maria Tereza Gomes de Almeida. **O “PACTO AUTOBIOGRÁFICO” E OS ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS**. Disponível em: www.cielli.com.br/downloads/239.pdf . Acesso em: 10 de outubro de 2010.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós- humano: da cultura das mídias a cibercultura**. 4ª edição. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.